

RECUPERAÇÃO INTENSA NÃO EVITARÁ A QUEDA EM 2020

O impacto da pandemia foi profundo e a recuperação deve se estender até o final de 2021.

A expectativa no final do ano passado para a indústria em 2020 apontava para a continuidade do processo de recuperação iniciado em 2017, que deixou para trás a maior recessão já registrada até então no triênio anterior. Passados três anos, em 2019, a produção ainda estava longe da recuperação: a brasileira 14,7% (a gaúcha, 11,0%) abaixo de 2013.

Nesse cenário, as previsões para 2020 eram de um avanço de 2,5% para a produção industrial no país e de 2,0% para a do RS, na esteira da retomada cíclica da economia brasileira, com juros mais baixos, inflação sob controle, crescimento do emprego e empresários confiantes.

E, de fato, as previsões vinham se confirmando no início do ano, quando, no final de março, o choque provocado pela pandemia jogou o setor em uma nova recessão de proporções históricas, superando as causadas pela greve dos caminhoneiros, pela grande recessão de 2014 a 2016 e pela crise financeira global de 2008. As medidas inéditas de contenção da doença, como o isolamento social e as paralisações de produção, levaram a uma contração sem precedentes na demanda interna e externa, desarticulando também as cadeias de suprimentos.

Todos os indicadores descrevem o mesmo roteiro em 2020: início do ano positivo, quedas e níveis recordes entre março e maio e retomada intensa a partir de então, ainda que nem todos tenham voltado aos patamares anteriores. A produção industrial, por exemplo, alcançou o nível mais baixo da história em abril e, em setembro (último dado), já havia retornado aos níveis de fevereiro, impulsionada pelas medidas de estímulos do governo federal, a reabertura gradual da economia, o afrouxamento das medidas de isolamento social e os juros baixos. A recuperação poderia ter sido maior não fosse a falta de insumos e matérias-primas. A grande maioria das atividades também entrou em colapso no período mais agudo das medidas de restrição e muitas já haviam recuperado os níveis pré-pandemia em setembro.

Ainda que positivo, isso não significa a recomposição das perdas. O impacto da pandemia foi profundo e disseminado. Pouquíssimos setores e indicadores escaparão de uma queda em 2020. A previsão é de uma contração da produção industrial brasileira de 5,1%. No estado, a produção e o Índice de Desempenho Industrial devem cair 6,9% e 6,1%, respectivamente.

Para 2021, a retomada intensa e a baixíssima base de 2020 levarão um efeito estatístico positivo (carregamento) muito significativo: não é preciso crescer na margem até o fim do ano que vem para que a produção registre expansão de 7,2% (Brasil) e de 10,8% (RS) em relação a 2020. Além da base deprimida, as quedas dos juros e a inflação controlada sustentam a perspectiva de crescimento para o setor. Outras sinalizações positivas são a elevada confiança industrial e os baixos níveis de estoques. Por outro lado, mesmo com o aumento da ocupação, o desemprego seguirá em nível elevado, assim como a incerteza sobre as difíceis condições fiscais do país, o fim do auxílio emergencial e a evolução da pandemia. A indústria também terá que lidar com o intenso aumento dos preços dos insumos e das matérias-primas em curso. O mercado interno será mais uma vez o vetor de alta, mas as exportações devem fornecer alguma contribuição.

A produção industrial brasileira deverá crescer 4,7% e a gaúcha, 6,3% em 2021, evidenciando que não deverá repor totalmente as perdas de 2020. O mesmo cenário é válido para a atividade industrial no estado, medida pelo Índice de Desempenho industrial (IDI/RS), que deverá crescer 6,2%.

Indústria em 2020: o retorno aos níveis pré-pandemia não é recuperação das perdas

Todos indicadores que avaliam o comportamento da indústria brasileira e gaúcha apresentaram o mesmo roteiro em 2020: início do ano em expansão, quedas e pisos históricos entre março e abril e forte recuperação a partir de maio. Muitos já haviam recuperado, em setembro, os níveis de pré-pandemia.

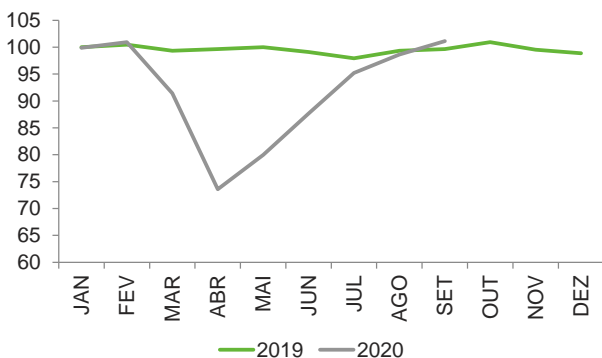
A produção industrial, por exemplo, mostrava ligeiro crescimento na margem (em relação ao mês anterior livre da sazonalidade) nos dois primeiros meses do ano. Com as medidas de isolamento social, o setor fechou fábricas, suspendeu contratos e reduziu jornadas de trabalho. Como resultado, nos dois meses seguintes, a produção caiu 27,1% no Brasil e 36,9% no RS, atingindo níveis sem precedentes em abril. O período de maio a setembro é de forte recuperação (+37,5% e +57,7%, respectivamente). Em setembro, a produção do Brasil superava em 0,2% o patamar de fevereiro, e a do RS, em 0,3%, e sem indicação de esgotamento.

Mas é importante referir que esses resultados mostram apenas o retorno ao nível pré-pandemia, não a recomposição das perdas, que são muito grandes. Para se ter uma ideia, a produção industrial brasileira e a produção gaúcha, para neutralizar as perdas acumuladas com a pandemia e zerar o desempenho acumulado no ano, precisaria crescer no último trimestre 24,2% e 32,6%, respectivamente, frente ao trimestre anterior, ajustado sazonalmente.

Os gráficos a seguir evidenciam os baixíssimos níveis de produção industrial em 2020. No Brasil, além do piso histórico em abril, os níveis de maio e junho são o segundo e terceiro mais baixos da série e, no RS, o de maio é o segundo menor e o de março, o terceiro. Esses níveis superam a greve dos caminhoneiros, a recessão 2014-2016 e a crise financeira mundial de 2008. Portanto, apesar da forte retomada, a indústria registrará mais uma queda expressiva em 2020.

Gráfico 3.1. Produção Industrial – Brasil

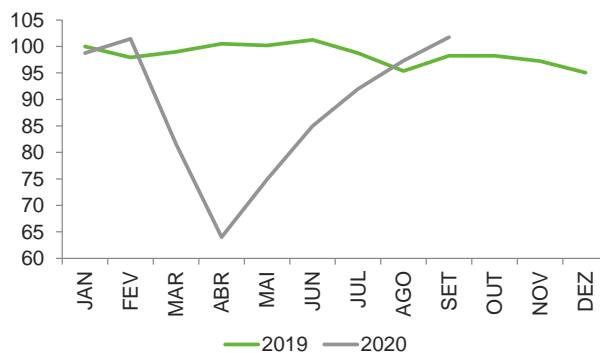
(Índice de base fixa mensal Jan 2019=100 – Com ajuste sazonal)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.2. Produção Industrial – RS

(Índice de base fixa mensal Jan 2019=100 – Com ajuste sazonal)



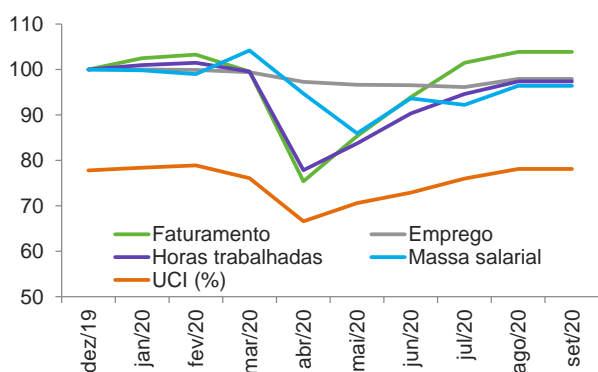
Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Os demais indicadores de atividade do setor mostraram a mesma evolução da produção na margem, mas nem todos haviam recuperado os níveis pré-pandemia em setembro. No Brasil, de acordo com os dados dessazonalizados pela CNI, apenas o faturamento real exibiu, em setembro, patamar superior ao de fevereiro: +0,6%.

No Rio Grande do Sul, segundo a FIERGS, em setembro, o faturamento real (+3,0%), as horas trabalhadas na produção (+3,8%) e as compras industriais (+8,7%) já retomavam aos níveis pré-pandemia. O Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), que sintetiza o comportamento destes e mais três variáveis – utilização da capacidade instalada (UCI), emprego e massa salarial real – ainda operava 1,2% abaixo, contido pelos componentes relacionados ao mercado de trabalho.

Gráfico 3.3. Indicadores Industriais – Brasil

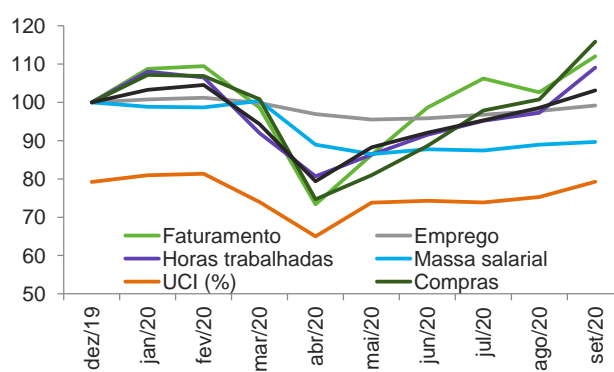
(Índice de base fixa mensal Dez 2019=100 e % de UCI – Com ajuste sazonal)



Fonte: CNI. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.4. Indicadores Industriais – RS

(Índice de base fixa mensal Dez 2019=100 e % de UCI – Com ajuste sazonal)



Fonte: FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

A maioria dos setores já retornou aos níveis pré-pandemia

O exercício a seguir procura estimar o impacto imediato da pandemia na produção industrial sob a ótica setorial no Brasil e no RS. Para isso, calculou-se a queda acumulada nos meses de março e abril, em termos dessazonalizados, comparando os níveis de produção setoriais de abril e fevereiro (mês anterior às medidas de contenção).

O exercício também procura averiguar a situação setorial cinco meses após o período mais crítico da crise, em abril, agora comparando, aos níveis de produção de fevereiro, os de setembro (último dado disponível).

As quedas na produção industrial brasileira, nos meses de março e abril, atingiram 24 dos 26 setores pesquisados. As mais intensas foram registradas em Veículos Automotores (-92,4%), Vestuário e acessórios (-62,9%), Têxteis (-53,0%), Outros equipamentos de transporte (-77,3%), Couros e calçados (-65,5%), Móveis (-55,6%) e Bebidas (-50,2%). As exceções foram Alimentos (+2,3%) e Sabões, detergentes, limpeza, cosméticos, perfumaria e higiene pessoal (+2,6%).

Passados cinco meses de retomada, a recomposição dos níveis pré-pandemia ocorreu em 15 dos 26 setores no país. Destaques para Informática, eletrônicos e ópticos, que registra o melhor desempenho, produzindo em setembro 18,3% acima do nível de fevereiro, seguido por Tabaco (+16,1%), Minerais-não metálicos (+9,8%) e Madeira (+9,5%). Os mais atrasados na recuperação, em setembro, eram Impressão e reprodução de gravações (-32,1%), Vestuário e acessórios (-17,1%), Manutenção, reparação e instalação de máquinas e equipamentos (-13,0%) e Veículos automotores (-12,8%).

No Rio Grande do Sul, os impactos da pandemia sobre a produção industrial e a retomada não foram muito diferentes. As quedas nos meses de março e abril atingiram 12 dos 14 setores pesquisados. Veículos automotores (-82,4%), Metalurgia (-63,7%) e Couros e calçados (-64,5%) exibiram as piores desempenhos. Assim como no Brasil, somente dois setores não tiveram queda no período: Alimentos (+4,3%) e Celulose e papel (+0,8%).

Em setembro, 9 setores já haviam superado o patamar de produção de fevereiro no estado. Os melhores desempenhos eram de Produtos de metal (+24,1%), Metalurgia (+18,4%), Celulose e papel (+13,8%) e Químicos (+12,5%). Seguiam devendo, Couros e calçados (-15,9%), Veículos automotores (-14,4%) e Derivados de petróleo e biocombustíveis (-12,5%).

A tabela 3.3 mostra o comportamento da produção industrial dos setores pesquisados no Brasil e no Rio Grande do Sul nesses dois períodos. Lembrando que a comparação de abril com

fevereiro expressa o impacto da pandemia, enquanto a comparação entre setembro e fevereiro mostra a situação em setembro relativamente ao nível anterior à pandemia.

Tabela 3.1. Produção Industrial do Brasil e RS – Setores
(Em Var. %)

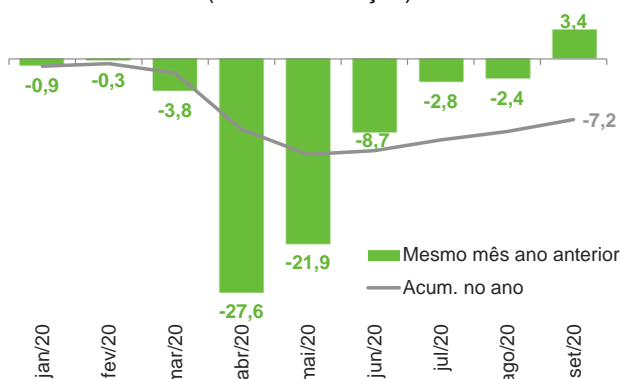
Setores de atividade	Brasil		Rio Grande do Sul	
	Abr/Fev	Set/Fev	Abr/Fev	Set/Fev
Extrativa	-2,3	5,7	-	-
Alimentos	2,3	6,6	4,3	-0,8
Bebidas	-50,2	8,7	-16,0	5,3
Tabaco	-22,3	16,1	-24,9	4,5
Têxteis	-53,0	3,9		
Vestuário e acessórios	-62,9	-17,1		
Couros e calçados	-65,5	-4,3	-64,5	-15,9
Madeira	-21,9	9,5		
Celulose e papel	-1,6	-0,6	0,8	13,8
Impressão e reprodução de gravações	-23,4	-32,1		
Derivados do petróleo e de biocombustíveis	-18,6	2,0	-25,9	-12,5
Sabões, detergentes, limpeza, cosméticos, perfumaria	2,6	2,0		
Químicos	-12,8	-1,5	-1,9	12,5
Farmoquímicos e farmacêuticos	-4,9	-2,6		
Borracha e plástico	-36,8	2,2	-40,5	4,0
Minerais não-metálicos	-35,1	9,8	-36,7	-7,5
Metalurgia	-31,4	-4,6	-63,7	18,4
Produtos de metal	-34,5	5,7	-32,9	24,1
Equipamentos de informática, eletrônicos e ópticos	-39,4	18,3		
Máquinas, aparelhos e materiais elétricos	-40,8	9,1		
Máquinas e equipamentos	-37,4	4,4	-20,8	14,1
Veículos automotores, reboques e carrocerias	-92,4	-12,8	-82,4	-14,4
Outros equipamentos de transporte	-77,3	-10,4		
Móveis	-55,6	8,7	-47,7	4,7
Produtos diversos	-41,3	-11,8	-	-
Manutenção, reparação e instalação de máq e equip	-8,5	-13,0	-	-

Fonte: IBGE. Elaboração: FIERGS/UEE.

As comparações anuais mostram com mais clareza a força da crise

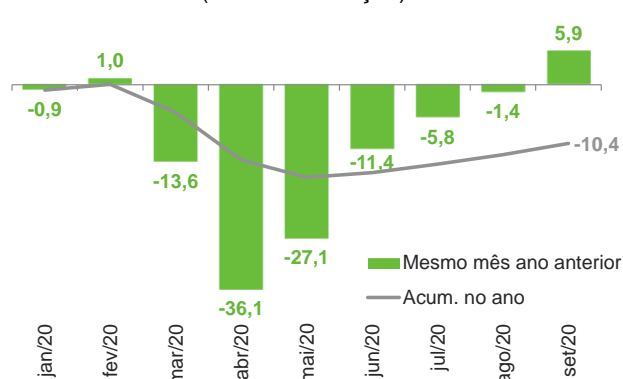
A análise seguinte tem como foco as comparações anuais. Nessa métrica, a crise mostra de forma mais fidedigna a dimensão das perdas, expressas num quadro de indicadores e de setores fortemente negativo na comparação com 2019.

Gráfico 3.5. Produção Industrial – Brasil
(Var % em relação)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.6. Produção Industrial – RS
(Var % em relação)



Fonte: IBGE/PIM-PF. Elaboração: FIERGS/UEE.

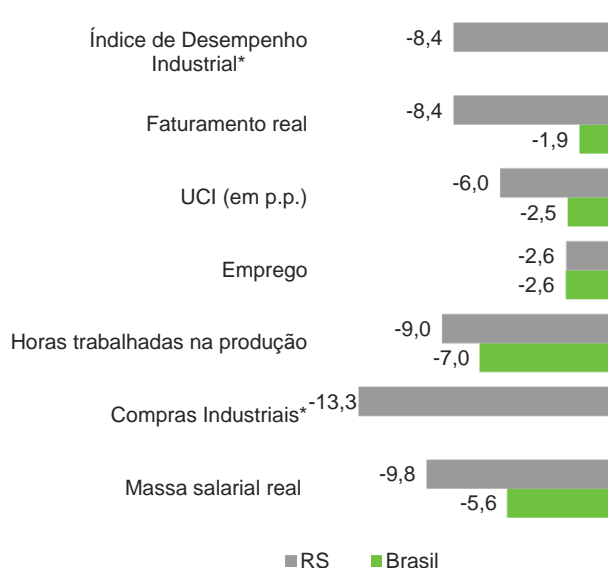
Dos nove primeiros meses de 2020, a produção industrial brasileira caiu em oito na comparação com os meses equivalentes de 2019, e a gaúcha, em sete. Nessa base, as quedas de abril e maio são recordes, tanto no Brasil quanto no Rio Grande do Sul, que, após o início da pandemia, voltaram a registrar crescimento apenas em setembro.

No acumulado do ano até setembro de 2020, a produção brasileira recuou 7,2%, ritmo inferior ao da gaúcha, que caiu 10,4%, frente o mesmo período do ano passado. Nos dois casos, para zerar a taxa anual em dezembro, precisariam crescer, respectivamente, 21,5% e 33,5% no último trimestre comparativamente ao período análogo de 2019.

As contrações anuais são generalizadas nos demais indicadores de conjuntura do setor no Brasil e no RS, que confirmam a dimensão histórica da crise, além do padrão de desempenho pior da indústria gaúcha em relação ao nacional em 2020, como no caso do faturamento real, que até setembro caía quatro vezes mais (-8,4%).

Gráfico 3.7. Indicadores Industriais do Brasil e Rio Grande do Sul

(Var. % acum. em 2020 até setembro)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE. O IDI e as Compras são divulgados somente no RS.

A análise desagregada da produção industrial por categorias de uso (critério de destino do bem), possível apenas para o Brasil, mostra que o quadro recessivo gerado pela pandemia, além de intenso, é disseminado. A crise atingiu principalmente a produção de bens de consumo duráveis, que caiu 26,7% na comparação entre os nove primeiros meses de 2020 e 2019, devido, principalmente, à menor produção de automóveis, mas também de móveis, produtos de informática e aparelhos eletrônicos (linha marrom, como televisores) e elétricos (incluindo eletrodomésticos).

Os investimentos também foram duramente atingidos. A redução na produção de bens de capital alcançou 17,9% no período, determinada em grande parte pela queda em equipamentos de transporte e em bens de capital para fins industriais.

A categoria mais associada à renda, a de bens de consumo semi e não duráveis (-7,6%) também registrou um ritmo intenso de redução, puxado pelos produtos ligados às atividades de couros, calçados, vestuário e têxteis. Mas o resultado da categoria foi amenizado pela retração bem menor de alimentos e bebidas e expansões em perfumaria, sabões, detergentes, produtos de limpeza e higiene pessoal e farmoquímicos e farmacêuticos.

Por fim, bens intermediários (-3,1%) – insumos e matéria-primas elaborados – foi a categoria menos atingida, pressionada, por um lado, pela redução de insumos industriais, peças e acessórios, mas amenizada pelo forte aumento na produção de alimentos e bebidas destinados à indústria e de combustíveis e lubrificantes (exceto gasolina pra automóveis).

No âmbito da atividade setorial, o cenário não foi muito diferente. A produção industrial brasileira recuou em 20 dos 26 setores pesquisados no acumulado do ano até setembro de 2020, relativamente ao mesmo período de 2019. Apesar de disseminadas, o setor de Veículos automotores, reboques e carrocerias (-37,0%) respondeu pela metade da queda apresentada pela indústria brasileira no período, pressionado por automóveis, caminhões, reboques e semirreboques e veículos para transporte de mercadorias e autopeças. Também forneceram contribuições negativas relevantes Metalurgia (-12,9%), Vestuário e acessórios (-31,8%), Máquinas e equipamentos (-11,9%) e Couros e calçados (-28,5%).

Do lado positivo, as maiores influências vieram de Alimentos (+5,8%) e Derivados de petróleo e biocombustíveis (+4,5%). A produção cresceu ainda nos setores de Tabaco (+7,4%), Farmacêuticos (+2,1%) e Produtos de limpeza, cosméticos e higiene (+3,9%), expansões que refletem, em grande parte, os programas de auxílio governamental implementados para amenizar os impactos da pandemia.

Na Tabela 3.2 a seguir, percebe-se o padrão de quedas disseminadas da produção industrial brasileira, que se estende aos demais indicadores de desempenho setoriais no país.

Tabela 3.2. Indicadores de conjuntura – Indústria do Brasil – Setores

(Var. % acum. em 2020 até setembro)

	Faturamento real	Horas trabalhadas na produção	UCI*	Emprego	Massa salarial real	Produção
Extrativa	-	-	-	-	-	-2,3
Alimentos	8,6	2,8	2,4	1,4	6,1	5,8
Bebidas	10,9	-5,2	-1,9	-5,0	-3,8	-3,5
Tabaco	-	-	-	-	-	7,4
Têxteis	-18,4	-17,1	-0,5	-2,4	-15,9	-14,0
Vestuário e acessórios	-11,8	-14,0	-4,7	-11,4	-22,3	-31,8
Couros e calçados	-20,9	-15,8	-11,8	-4,8	-15,2	-28,5
Produtos de Madeira	7,6	-3,0	-2,7	0,0	-10,9	-5,4
Celulose, papel e produtos de papel	3,2	-1,0	2,0	-0,2	-3,5	0,9
Impressão e Reproduções de gravações	-28,4	-29,1	-12,2	-17,1	-19,1	-37,9
Derivados de petróleo e biocombustíveis	-10,0	-18,8	-2,5	-13,4	-13,5	4,5
Químicos	2,7	-5,4	-3,4	0,6	-3,0	-
Outros produtos químicos	-	-	-	-	-	-2,4
Farmacêuticos	34,6	-9,0	-1,9	3,3	12,1	2,1
Sabões, detergentes, prods de limpeza, cosm.	-	-	-	-	-	3,9
Borracha e de material plástico	4,4	-4,9	-1,2	-1,3	-5,2	-7,0
Minerais não metálicos	1,7	-5,6	-2,9	-2,4	-2,9	-7,4
Metalurgia	-18,6	-9,3	-12,3	-1,3	-9,9	-12,9
Produtos de metal	5,3	-3,1	0,9	2,5	3,6	-5,3
Equip. inform, prod. eletrônicos e óticos	-	-	-	-	-	-6,7
Máquinas, aparelhos e mat. elétricos	6,2	-0,5	-0,2	3,3	-1,8	-6,5
Máquinas e equipamentos	-3,4	-6,8	-4,4	-2,7	-6,1	-11,9
Veículos automotores	-13,3	-23,1	-3,4	-7,8	-18,0	-37,0
Outros equipamentos de transporte	-10,5	-25,7	-3,9	-20,5	-29,0	-31,2
Móveis	-6,4	-10,6	-7,2	-8,3	-8,7	-8,4
Produtos diversos	-31,6	-34,7	-2,5	-10,4	-10,7	-20,3
Manutenção, rep. e inst. de máq. e equipam.	-	-	-	-	-	-17,4
Indústria de transformação	-1,9	-7,0	-2,5	-2,6	-5,6	-7,8

Fonte: IBGE, CNI. Elaboração: FIERGS/UEE.

* Em pontos percentuais.

A análise setorial foca agora o desempenho anual da indústria gaúcha em 2020, que não foi diferente da brasileira. Apenas cinco – Alimentos (+1,4%), Bebidas (+1,1%), Tabaco (+6,9%), Celulose, papel e produtos de papel (+3,6%), Derivados de petróleo e biocombustíveis (+1,1%) – aumentaram a produção entre os quatorze setores pesquisados nos primeiros nove meses de

2020 comparados a igual período de 2019. A maior influência negativa veio da queda de 31,1% na produção de Veículos automotores (-4,9 p.p.). Também tiveram relevância as reduções na produção de Couros e calçados (-31,5%), Outros químicos (-9,2%) e Máquinas e equipamentos (-8,6%).

Os Indicadores Industriais do RS confirmam o protagonismo dos setores de Veículos automotores e Couros e calçados, cujos índices de desempenho (IDIs-setoriais) caíram 19,1% e 23,4% no acumulado do ano até setembro, respectivamente, impactados pelas fortes quedas no faturamento real, de 23,1% e 32,3%. Confirmam também os crescimentos de Alimentos (+3,7%) e Bebidas (+2,1%), além de Madeira (+8,7%), esse não pesquisado pelo IBGE para o Estado.

A Tabela 3.3 a seguir mostra o padrão de quedas generalizadas entre os diversos indicadores e setores industriais no RS.

Tabela 3.3. Indicadores de conjuntura – Indústria do Rio Grande do Sul – Setores

(Var. % acum. em 2020 até setembro)

	Faturamento real	Compras industriais	UCI*	Horas trabalhadas na produção	Emprego	Massa salarial real	IDI/RS**	Produção
Alimentos	4,9	8,8	0,6	1,8	3,8	6,1	4,1	1,4
Bebidas	8,3	10,1	-0,9	5,6	-3,9	0,4	2,1	1,1
Tabaco	-19,0	-24,3	-	-15,6	-6,9	-13,9	-15,0	6,9
Celulose, papel e prods. de papel	-	-	-	-	-	-	-	3,6
Têxteis	32,4	4,8	-2,7	-13,6	-11,5	-10,7	1,7	-
Vestuário e acessórios	-16,9	-28,2	-11,7	-20,7	-13,4	-12,2	-20,1	-
Couros e calçados	-32,3	-26,1	-13,1	-30,5	-11,4	-19,0	-23,4	-31,5
Couros	-4,0	-13,1	-8,9	-51,3	-5,9	-6,9	-19,6	-
Calçados	-34,5	-27,7	-13,6	-28,8	-11,9	-20,0	-23,2	-
Produtos de Madeira	21,1	-0,7	6,5	13,8	4,8	3,8	8,7	-
Impressão e Reprod. de gravações	-	-	-	-	-	-	-	-
Químicos, der. petróleo e biocomb.	-3,5	-19,3	-11,3	7,2	5,4	-7,2	-5,4	-
Derivados de petróleo e biocomb.	-	-	-	-	-	-	-	1,1
Outros produtos químicos	-	-	-	-	-	-	-	-9,2
Borracha e de material plástico	-1,7	0,0	-4,4	-2,8	-2,0	-6,8	-2,7	-4,1
Borracha	-11,5	-11,2	-7,3	1,6	-1,1	-8,4	-7,0	-
Minerais não-metálicos	-	-	-	-	-	-	-	-14,6
Metalurgia	-27,4	-27,0	-8,4	-10,1	-1,3	-10,9	-15,5	-14,6
Produtos de metal	7,4	12,7	-1,8	-1,8	0,2	2,3	3,0	-0,1
Equip. inform, eletrônicos e óticos	-4,7	-11,7	-5,8	-19,6	-6,4	-4,4	-7,3	-
Máquinas, apar. e mat. elétricos	-22,2	-9,0	0,7	5,1	-9,7	-19,6	-9,0	-
Máquinas e equipamentos	1,4	-17,0	-0,9	-5,9	-1,6	-15,0	-7,3	-8,6
Máquinas agrícolas	5,0	-23,0	-0,1	-6,8	-1,4	-19,5	-8,9	-
Veículos automotores	-23,2	-23,6	-21,0	-26,1	-4,6	-30,8	-20,4	-31,1
Móveis	3,7	4,6	-8,4	-10,1	-1,1	-8,1	-3,7	-12,9

Fonte: IBGE. CNI. Elaboração: FIERGS/UEE.

* Em pontos percentuais. ** Índice de Desempenho Industrial.

Com o novo mergulho, todo o já modesto avanço dos três últimos anos foi perdido

Completados quatro anos da maior crise já enfrentada pelo setor, a indústria voltou a enfrentar uma recessão de dimensões históricas em 2020. De fato, no triênio 2014-2016, a produção caiu 16,7% no Brasil e 18,5% no RS. No triênio seguinte, registrou um desempenho medíocre e no balanço final, em 2019, a indústria brasileira e gaúcha ainda produzia 14,7% e 11,0% abaixo dos níveis de 2013.

Esperava-se que em 2020, o setor subisse mais um degrau, mas com o novo mergulho, praticamente todo o já modesto crescimento dos últimos anos foi perdido. De fato, em 2020, sete anos depois, a distância em relação a 2013 deve voltar a crescer: -19,1% (Brasil) e -17,1% (RS), devendo diminuir um pouco com as altas previstas para 2021.

Gráfico 3.8. Produção Industrial – Brasil
(Var. % em relação à base (2013))

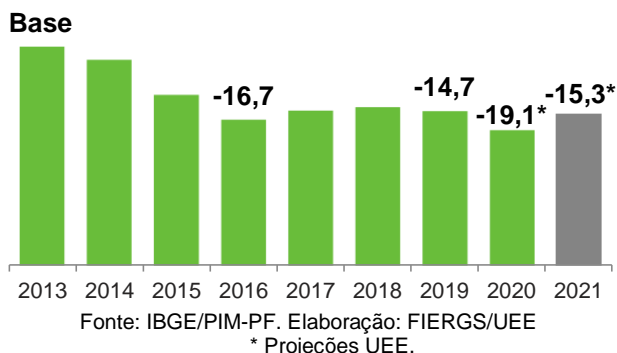
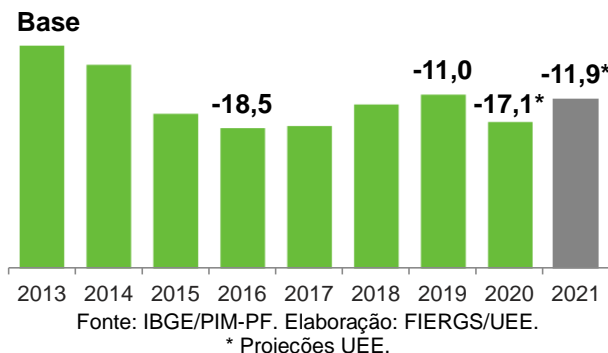


Gráfico 3.9. Produção Industrial – RS
(Var. % em relação à base (2013))



A avaliação dos empresários: a indústria deve manter a trajetória de expansão

A percepção dos empresários, captados pela Sondagem Industrial¹, acerca do desempenho do setor em 2020 retrata com fidelidade os impactos inéditos da crise, confirmando também o intenso processo de recuperação em curso, além da expectativa de sua continuidade.

A Sondagem divulga indicadores de difusão e, portanto, mostram o grau de dispersão entre as empresas. No caso da produção industrial e do emprego, os indicadores variam de zero a 100 pontos, tendo como linha divisória os 50 pontos, que separa crescimento de queda em relação ao mês anterior. Quanto mais acima (abaixo), mais dispersa a alta (queda). Assim, as quedas e níveis recordes em abril e maio confirmam que a indústria nunca enfrentou um cenário recessivo tão intenso e disseminado entre as empresas. A recuperação da produção e do emprego também é rápida e disseminada nos meses seguintes.

Gráfico 3.10. Produção Industrial
(Em pontos)

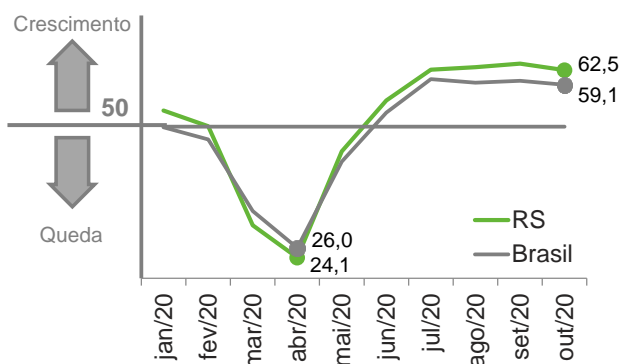


Gráfico 3.11. Emprego
(Em pontos)

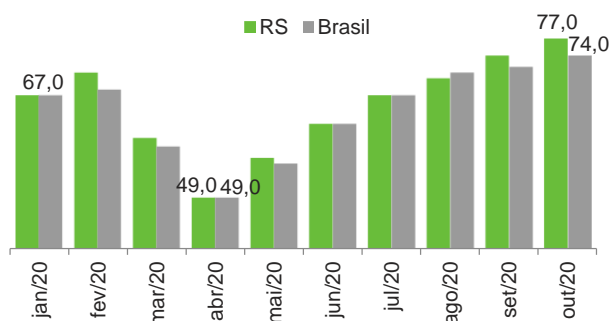


A utilização da capacidade instalada-UCI é outro indicador importante, pois demonstra o grau de ociosidade nas empresas. Tanto no Brasil quanto no Rio Grande do Sul, o grau médio de utilização da capacidade instalada-UCI no Brasil e no estado atingiu 49,0% em abril de 2020. Ou seja, metade da capacidade produtiva estava ociosa, o mais alto nível já apurado. Nesse mesmo mês, aos 22,0 (Brasil) e 23,9 pontos (RS), os índices de UCI em relação ao nível usual, também atingem níveis sem precedentes, confirmando os níveis recordes de ociosidade.

¹ A Sondagem Industrial é uma pesquisa de opinião empresarial realizada mensalmente pela CNI e pela FIERGS com empresários do setor no Brasil e no Rio Grande do Sul. Os índices de difusão variam de 0 a 100 pontos, com exceção do grau médio de utilização da capacidade instalada-UCI, que varia de 0% a 100%.

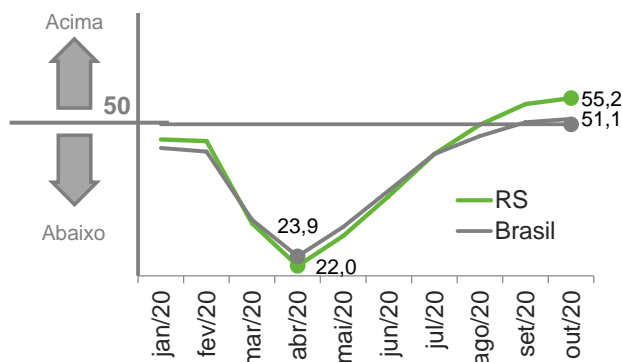
A partir de maio, com o aumento da produção, os dois indicadores sobem até outubro. A partir de setembro, a atividade industrial estava bastante aquecida, operando acima dos níveis normais e dos que vigoravam antes da pandemia, principalmente no Rio Grande do Sul.

Gráfico 3.12. Utilização da Capacidade instalada – Grau médio
(Em %)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.13. Índice UCI efetiva-usual
(Em pontos)



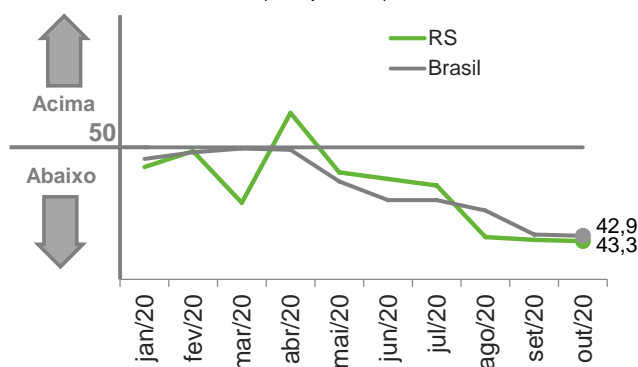
Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Entre os demais indicadores pesquisados pela Sondagem, vale destacar o comportamento completamente atípico dos estoques de produtos finais em 2020.

De fato, a partir de maio, com retomada gradual das atividades, o índice de estoques em relação ao planejado pelas empresas atinge sucessivos recordes negativos até outubro de 2020. A indústria nunca havia registrado um nível de estoques tão baixo e a necessidade de repô-los joga a favor da produção futura. A súbita variação da atividade industrial provocou um desequilíbrio entre oferta e demanda.

Segundo a Sondagem Especial: Mercado de insumos e matérias-primas, realizada em outubro, 47,0% das indústrias gaúchas tinham dificuldades para atender a demanda no país. As razões eram: a falta de estoques (59,4% das respostas), a demanda maior que a capacidade de produção (45,8%) e a incapacidade de aumentar a produção (31,3%). Os resultados para o Brasil não foram diferentes.

Gráfico 3.14. Indicador de estoques em relação ao planejado – Brasil e RS
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Nesse ano completamente atípico, a indústria enfrentou quatro grandes problemas: taxa de câmbio, a falta ou o alto preço das matérias-primas, a carga tributária e a demanda doméstica.

A taxa de câmbio foi devido à alta volatilidade e aos impactos nos preços dos insumos de matérias-primas da intensa desvalorização, problema que se agravou no terceiro trimestre. Foi o maior entrave do ano para a indústria gaúcha e o quarto para a indústria brasileira.

A falta ou o alto preço das matérias-primas foi causado, além da desvalorização cambial, pela desarticulação das cadeias de suprimento. Foi o segundo problema mais importante do ano, tanto nas empresas brasileiras quanto gaúchas, e o principal no terceiro trimestre. A Sondagem Especial: Mercado de insumos e matérias-primas mostrou que sete a cada dez indústrias no Brasil e no RS enfrentavam dificuldades para conseguir insumos domésticos. No Estado, 31,3% das indústrias (38,0% no Brasil) não conseguiam aumentar a produção naquele momento (outubro) por causa, principalmente, da falta de insumos e matérias-primas. Os empresários estimavam um prazo de 3 a 6 meses para a solução do problema.

Os empresários brasileiros e gaúchos também concordam sobre a relevância da elevada carga tributária para o fraco desempenho do setor em 2020. De caráter estrutural, esse foi o maior problema para os empresários brasileiros e o terceiro para gaúchos.

Por fim, a demanda interna foi o quarto principal entrave enfrentado pela indústria gaúcha em 2020 e o terceiro pela brasileira, destacando que foi o maior problema no primeiro e no segundo trimestre para ambos, perdendo relevância no terceiro com a retomada da atividade.

A Tabela 3.4 mostra os percentuais de assinalação e o *ranking* dos principais problemas enfrentados pela indústria no país em 2020.

Tabela 3.4. Principais problemas enfrentados em 2020 – Brasil e RS
(% de respostas – Média dos três primeiros trimestres de 2020)

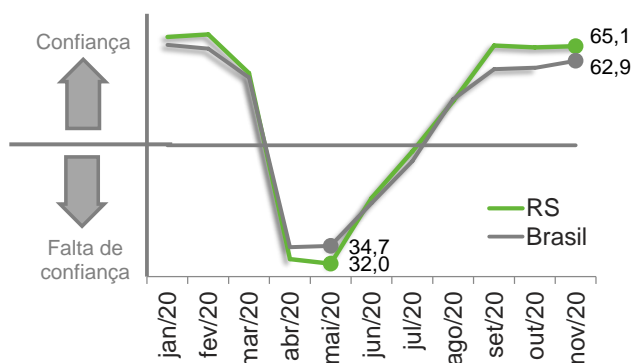
	Brasil	Ranking	RS	Ranking
Taxa de câmbio	28,1	4	37,0	1
Falta ou alto custo da matéria prima	33,9	2	36,9	2
Elevada carga tributária	34,4	1	35,7	3
Demanda interna insuficiente	30,4	3	33,7	4
Inadimplência dos clientes	16,7	6	18,8	5
Falta de capital de giro	18,1	5	15,3	6
Demanda externa insuficiente	10,2	11	13,2	7
Burocracia excessiva	11,7	7	12,1	8
Competição desleal	10,7	9	11,0	9
Taxas de juros elevadas	10,8	8	9,8	10
Falta de financ. de longo prazo	10,2	10	8,9	11
Dificuldades na logística de transporte	7,6	14	7,0	12
Outros	10,0	12	7,0	13
Insegurança jurídica	6,8	15	6,8	14
Falta ou alto custo de trabalhador qualificado	5,8	16	6,0	15
Falta ou alto custo de energia	9,9	13	4,6	16
Competição com importados	4,2	17	4,1	17
Nenhum	2,9	18	1,3	18

Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE. A soma supera 100% devido à possibilidade de múltipla escolha.

Outro indicador relevante pelo seu caráter antecedente, o Índice de Confiança do Empresário Industrial (ICEI) evoluiu em 2020 na esteira do desempenho do setor. Iniciou o ano em níveis elevados e em abril já caía a patamares históricos. A partir de junho, com a reabertura gradual da economia e o afrouxamento das medidas de distanciamento social, a confiança se recupera rapidamente e em setembro retoma os níveis do início do ano, acomodando-se em outubro e novembro (último dado) em patamares elevados: 62,9 pontos no Brasil e 65,1 no RS. Acima dos 50 pontos, o índice reflete confiança e quanto maiores os valores, maior e mais disseminada a confiança entre as empresas industriais.

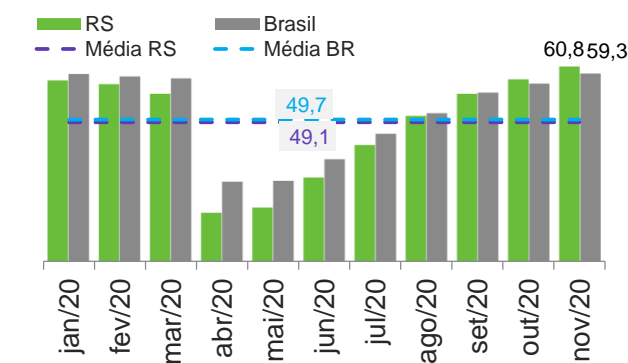
A confiança elevada sugere a manutenção do processo de recuperação em curso nos próximos meses, com impactos positivos nos investimentos. De fato, a disposição para investir dos empresários brasileiros e gaúchos aumentou ao longo do ano à medida que a confiança crescia. Em novembro, a intenção de investir, após seis altas seguidas, atingiu o maior nível do ano.

Gráfico 3.15. Índice de Confiança do Empresário Industrial – Brasil e RS
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Gráfico 3.16. Índice de Intenção de investir – Brasil e RS
(Em pontos)



Fonte: CNI/FIERGS. Elaboração: FIERGS/UEE.

Perspectivas para 2021 – Indústria deve manter trajetória de recuperação

Mesmo com a intensa retomada na margem, a produção da indústria brasileira deve recuar 5,1%. No Estado, a queda da produção deve ser mais intensa: 6,9%. No mesmo sentido, o nível de atividade industrial no Estado, medido pelo Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS), deve encerrar 2020 com baixa de 6,1%.

Para 2021, a indústria deverá recuperar grande parte das perdas de 2020. O relativo bom desempenho baseia-se no forte efeito estatístico positivo dado pela baixíssima base de comparação, nos juros em patamares inéditos, na inflação controlada, no aumento do emprego e na elevada confiança empresarial, num cenário de baixos níveis de estoques e, espera-se, de volta contínua à normalidade. Porém, mesmo com a alta do emprego, o desemprego seguirá em nível elevado, assim como a incerteza sobre as difíceis condições fiscais do país, o fim do auxílio emergencial e a evolução futura da pandemia. O setor terá que lidar ainda com o intenso aumento dos preços dos insumos e das matérias-primas. O principal vetor de alta será a demanda interna, mas as exportações também devem continuar contribuindo.

Nesse cenário, há espaço para a produção brasileira crescer 4,7% em 2021. A gaúcha um pouco mais, 6,3%, ritmo próximo ao que deverá ser registrado pelo IDI/RS.

Tabela 3.5. Perspectivas para a produção industrial do Brasil
(Var. % acum. no ano)

	2019	2020*	2021*
Indústria extrativa	-9,7	-1,9	3,0
Indústria de transformação	0,2	-5,9	5,7
Produção industrial	-1,1	-5,1	4,7

Fonte: IBGE/PIM-PF. * Previsão FIERGS/UEE.

Tabela 3.6. Perspectivas para a indústria do RS

(Var. % acum. no ano)

	2019	2020*	2021*
Faturamento real	3,0	-5,8	6,6
Horas Trabalhadas na produção	-1,0	-7,2	8,2
Emprego	0,0	-1,8	3,2
Massa salarial real	-0,8	-9,0	5,0
UCI (em p.p.)	0,7	-6,0	2,6
Compras Industriais	-2,7	-9,6	10,4
Índice de Desempenho Industrial (IDI/RS)	0,1	-6,1	6,2
Produção industrial	2,5	-6,9	6,3

Fonte: IBGE/PIM-PF. FIERGS/Indicadores Industriais do RS. * Previsão FIERGS/UEE.